

CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

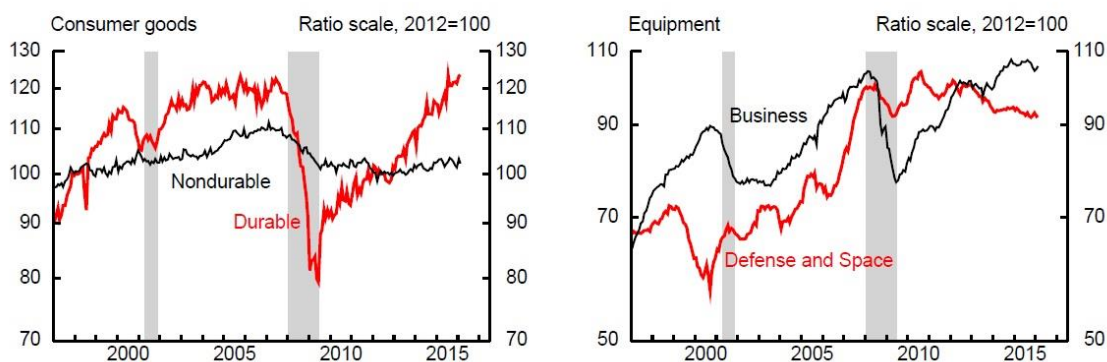
EDIÇÃO 1286 1287 – Ano 29; 2ª 3ª Semanas Março 2016.

Breaking Bad (Temp. 1 Ep. 4). Ciclo, acumulação de capital e ideias liberais, marxistas... José Martins

A melhor maneira de investigar os desdobramentos de um ciclo econômico é observá-lo em sua totalidade. O objetivo é discernir se as condições endógenas de valorização do capital (produção de lucro) aproximam o sistema de um novo *breaking point*. De um novo “ponto de fratura” provocado pela superprodução de capital. Foi o método que utilizamos no boletim “*Breaking Bad (Temp. 1 Ep. 3); Nas entranhas do ciclo industrial dos EUA*”. Iniciamos ali nova investigação da massa e da taxa de **lucros operacionais** na economia norte-americana no decorrer do atual período de expansão, iniciado no 2º trimestre de 2009. Lucros operacionais exprimem a valorização do capital propriamente dito – gerados pela atividade de produção industrial das mercadorias-capital e diretamente relacionados com a produtividade da força de trabalho, a produção de valor e de mais-valor, preços de produção, etc. Vejamos melhor essas relações.

Nesta semana o Federal Reserve (Fed, banco central dos EUA) publicou o seu relatório mensal G-17, que fornece os números da Produção Industrial e Utilização da Capacidade. Vejamos a evolução da produção de manufaturas (duráveis e não duráveis) e de Equipamentos (Bens de Capital e Armamentos).

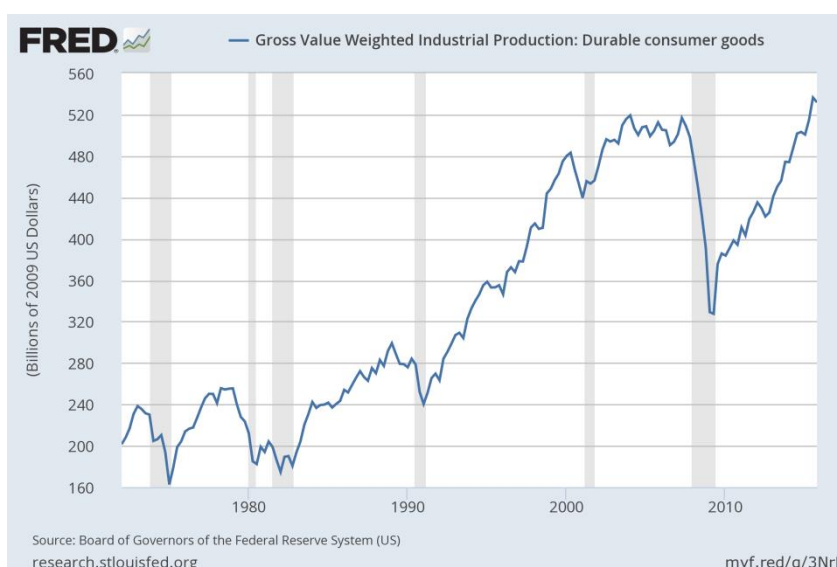
2. Industrial production and capacity utilization



Observando-se a evolução do ciclo em sua totalidade verifica-se pelos gráficos acima que no 4º trimestre/2015 a produção industrial no presente período de expansão já havia superado o pico mais elevado de expansão do ciclo anterior, ocorrido no 2º trimestre de 2007. A exceção fica por conta da estagnação dos ramos de produção de bens não duráveis. A estagnação destes últimos foi fortemente compensada pela fulminante expansão do setor de bens de consumo duráveis, que centralizam os ramos industriais mais dinâmicos e reguladores da produção industrial em sua totalidade. Já discorreremos em vários boletins anteriores sobre essa característica fracamente cíclica do setor de

bens não duráveis – de baixa composição orgânica do capital e intenso consumo de força de trabalho, relativamente ao setor de bens-duráveis. Esse patinho feio da produção industrial norte-americana é composto predominantemente por pequenas e médias empresas químicas, calçados, vestuário, tecelagem, bebidas, brinquedos e plásticos, etc. Com produtividade relativamente inferior à média da indústria nacional – o setor de não duráveis é o mais atingido pela concorrência internacional da periferia como China, Brasil, etc. O impacto político e pressões para aumento do protecionismo norte-americano surgem principalmente desse setor menos competitivo no comércio internacional. É forte componente material do discurso patriótico de Donald Trump, Tea Party e outros grupos neopopulistas nos EUA.

Entretanto, expansão é fortemente elevada dentre os ramos de bens duráveis. Como se observa no gráfico à direita, essa marcante expansão ocorre também na produção de máquinas e armamentos. Mesmo com a estabilização da produção de armamentos (*Defense and Space*) a partir de 2011. Essa anemia da Seção 4 (meios de destruição) da reprodução do capital pode ser explicada pelas alterações da política externa de Washington, no período pós-choque 2008/2009. Alterações geopolíticas devidas em grande parte às fragilidades fiscais do governo dos EUA e ajuste de gastos do Tesouro para compensar o assalto dos capitalistas aos recursos públicos durante o último choque. A produção na Seção 1 de Máquinas (*Business*), entretanto, apresenta a mesma performance de forte expansão do setor de bens de consumo duráveis como um todo. Essa forte expansão da produção de equipamentos é outro elemento real que desmente as ideias dos economistas liberais e keynesianomarxistas de que a economia de ponta do sistema encontra-se devagar quase parando depois de 2009. Como visto no boletim anterior é muito comum esses economistas afirmarem que a economia dos EUA – por extensão, a economia global – continua estagnada desde 2009. Ou, relativizando, apresenta um “pífio crescimento” desde então. Contra essas invenções, veja no gráfico abaixo a evolução cíclica do valor agregado de longo prazo de bens duráveis nos EUA.



Ao contrário dessas bobagens estagnacionistas ou de crise permanente, estrutural, etc., o que se verifica na totalidade dos ciclos é que a evolução da produção industrial –

regulada pelo setor industrial de bens de consumo duráveis – apresenta ininterruptas e homogêneas fases de expansão dentro dos ciclos. Na totalidade de todos os ciclos desde os anos 1970 se observa fases de expansão altamente homogêneas. Não existem “diversas crises” ou “diversas fases da crise” dentro de um mesmo período de expansão cíclica. Particularmente neste período de expansão mais recente iniciado no 2º trimestre de 2009, conforme gráfico acima do Gross Value [valor agregado] de longo prazo dos ramos produtores de bens duráveis nos EUA. Como se vê, não se pode fazer a crítica da economia sem se livrar ao mesmo tempo das ideias dos economistas acerca dela.

Desmentindo também essa esdrúxula ideia de “pífio crescimento” ou de uma “estagnação secular” da economia (conceito mais sofisticado defendido pelo competente economista Larry Summers) a grande produção e demanda por máquinas e equipamentos alavancou uma proporcional elevação da *capacidade instalada* no núcleo duro da indústria norte-americana, como comprovam outros dados fornecidos pelo Federal Reserve e Bureau of Census. Esse indicador da capacidade industrial é o que ilustra melhor aquilo que se denomina teoricamente de *acumulação do capital* e sua correspondente *taxa de acumulação*. Esta última não deve ser confundida com a *taxa de lucro*. São duas diferentes categorias da totalidade do processo de produção e de circulação do capital. E sua relação altamente contraditória – simultânea elevação da primeira e tendência à queda da segunda – é a chave para se discernir diferentes dinâmicas reais em sucessivos ciclos periódicos de expansão, superprodução e crise.

As particularidades de cada ciclo são o grande problema da previsão das crises periódicas de superprodução de capital. Discernir principalmente a variação dos preços em cada ciclo. No atual, por exemplo, tanto a produção e emprego de força de trabalho, quanto a acumulação do capital ocorrem simultaneamente à forte deflação dos preços de produção e dos preços de consumo. Essa particularidade frente a ciclos anteriores dos últimos setenta anos imobiliza os dirigentes do Fed, que não são capazes de responder por que o aumento do emprego e dos salários (além da quantidade da moeda e do crédito) não causam atualmente pressões inflacionárias. Summers, por seu lado, para defender os interesses imediatos de Wall Street e a não elevação da taxa de juros do Fed distorce os fatos reais ao afirmar que a deflação dos preços é resultado de uma imaginária “estagnação secular”. Entretanto, como verificamos em nossos boletins mais recentes e pelo relatório desta semana do Fed a acumulação, a produção e os lucros do presente ciclo são muito mais elevados que nos ciclos anteriores. A ideia da estagnação é uma grande bobagem.

Deixemos um pouco de lado nossos inventivos economistas. Trata-se doravante de avançar em nossas investigações para registrar a aproximação real de esgotamento do atual período de superprodução. A verdadeira crise do capital só pode ser vislumbrada pelas frestas da sua superprodução.